

# MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA PARA ECONOMIA CRIATIVA E DA CULTURA

MARCELO MILAN  
GUSTAVO MÖLLER  
DÉBORA WOBETO  
(Orgs.)

## ITAÚ CULTURAL

**Presidente**  
Alfredo Setubal

**Diretor**  
Eduardo Saron

## NÚCLEO OBSERVATÓRIO

**Gerência**  
Jader Rosa

**Coordenação**  
Luciana Modé

**Produção**  
Ediana Borges  
Rafael Gama Figueiredo

## NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO

**Gerência**  
Ana de Fátima Sousa

**Coordenação de conteúdo**  
Carlos Costa

**Direção de arte**  
Yoshiharu Ararkaki

**Produção editorial**  
Luciana Araripe

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor**  
Carlos André Bulhões Mendes

**Vice-Reitora**  
Patrícia Pranke

## FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**Diretora**  
Maria de Lurdes Furno da Silva

**Vice-Diretor**  
André Moreira Cunha

## NÚCLEO DE ESTUDOS EM ECONOMIA CRIATIVA E DA CULTURA

**Coordenação**  
Marcelo Milan

**Gerência**  
Gustavo Möller

**Coordenação de Ensino e Pesquisa**  
Débora Wobeto

**Projeto gráfico e editoração**  
Carolina Nobre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M593 Métodos e técnicas de pesquisa para economia criativa e da cultura / Organizadores Marcelo Milan, Gustavo Möller, Débora Wobeto. – Porto Alegre : UFRGS/FCE; Itaú Cultural, 2022.  
recurso digital

Modo de acesso: internet.

ISBN: 978-65-5973-163-3 (recurso eletrônico)

1. Metodologia da pesquisa. 2. Economia criativa. 3. Políticas públicas. 4. Financiamento público. 5. Bens e serviços culturais. I. Milan, Marcelo, organizador. II. Möller, Gustavo, organizador. III. Wobeto, Débora, organizadora. IV. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Núcleo de Estudos em Economia Criativa e da Cultura V. Itaú Cultural. Núcleo Observatório. VI. Título.

CDU 316.7

# MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA PARA ECONOMIA CRIATIVA E DA CULTURA

MARCELO MILAN  
GUSTAVO MÖLLER  
DÉBORA WOBETO  
(ORGS)

ISBN: 978-65-5973-163-3



capítulo 2

# **METODOLOGIA DA PESQUISA: INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA**

MARIELI VIEIRA  
LUCIANA LEITE LIMA  
MARCELO MILAN



# APRESENTAÇÃO

Neste capítulo são apresentados os fundamentos da pesquisa qualitativa, seus objetivos e suas formas de operacionalização. Inicialmente são estudadas as características deste tipo de pesquisa e seu desenho. Na sequência são apresentados os tipos de pesquisa qualitativa e as possibilidades de coleta de dados para a elaboração de trabalhos, concentrando atenção especial na elaboração de questionários e realização de entrevistas como método de investigação. São abordadas ainda técnicas para uma boa análise de conteúdo da pesquisa.

# 1. O QUE É A PESQUISA QUALITATIVA?

A pesquisa qualitativa se caracteriza por utilizar uma abordagem de observação mais próxima ao fenômeno social de interesse, demonstrando sensibilidade às peculiaridades do contexto (CARDANO, 2017). Nesse sentido, é um estilo de pesquisa que valoriza o aprofundamento e o detalhamento dos contextos empíricos, tratando mais especificamente das interpretações das realidades sociais (BAUER; GASKELL, 2002) e tentando compreender de forma detalhada as características e significados dos fenômenos (RICHARDSON, 1999).

**TABELA 1 – ESTRATÉGIAS DA PESQUISA QUALITATIVA**

	QUALITATIVA
Dados	Textos
Análise	Interpretação
Protótipo	Entrevista em Profundidade
Qualidade	Soft

Fonte: adaptado de Bauer e Gaskell, 2002.

Por algum tempo, a pesquisa qualitativa foi definida em contraposição à pesquisa quantitativa. Conforme foi se desenvolvendo, a partir da década de 1960 e 70, o perfil da pesquisa qualitativa foi sendo definido por eliminação: como sendo uma pesquisa não quantitativa e não padronizada, apresentando várias características próprias. A pesquisa qualitativa, em vez de números, usa, entre outros, textos como material empírico. Ela parte da noção da construção social das realidades em estudo, tem interesse nas perspectivas dos participantes, suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo ao fenômeno em estudo. Assim, os métodos e técnicas utilizadas devem ser harmonizadas com essas premissas, ou seja, devem ser determinados pela

pergunta de pesquisa e devem permitir o entendimento dos processos e relações (FLICK, 2009).

O que torna a pesquisa qualitativa diferente de outros tipos de pesquisa nas diferentes áreas das ciências sociais, é a amplitude da área de investigação. Yin (2016) e Creswell (2016) destacam alguns exemplos das vantagens desse tipo de pesquisa:

- Ela busca estudar o significado da vida das pessoas, nas condições em que estas realmente vivem, sem que os papéis exercidos por elas no dia a dia ou suas interações sociais sofram interferência dos procedimentos de pesquisa. As pessoas serão representadas pelo que realmente são e não pela média da população.
- Representa as opiniões e perspectivas dos participantes do estudo, fazendo com que a pesquisa represente realmente o que as pessoas vivenciam.
- Abrange o contexto no qual as pessoas vivem (social, institucional e ambiental), estudando os eventos em andamento.
- Pode revelar conceitos existentes ou emergentes que ajudam a explicar o comportamento social humano, e é direcionada para esse objetivo.
- Busca se utilizar de várias fontes em vez de apenas uma única fonte de evidências.
- Dá voz aos participantes, buscando relatar suas perspectivas individuais sobre a situação.
- É contingencialista, ou seja, se situa no contexto, de forma a entender de que forma o cenário em que as pessoas vivem moldam o que elas pensam, fazem e têm a dizer.
- É processualista, ou seja, observa como os processos se desenrolam ao longo do tempo, verificando uma etapa após a outra, considerando o que acontece ao longo de um período de tempo.

- É intensiva, se concentra em um pequeno número de casos/pessoas/lugares, com aprofundamento nos detalhes, buscando especificidade e não a generalização.
- Desenvolve uma compreensão complexa de um problema ou situação, para a qual se reúnem muitas perspectivas e se desenvolvem múltiplos temas.
- Oferece representação não parcial, ou seja, inclui as perspectivas e as vozes de grupos marginais.
- Permite contrastar diferentes observações, o que é declarado e o que não é declarado, de forma que essa perspectiva diferente possa acarretar mudanças úteis às instituições.
- Envolve o estudo de tópicos sensíveis, que são difíceis de estudar e que normalmente não aparecem nas pesquisas mais tradicionais.
- Traz reflexão sobre os conceitos e experiências próprias para o estudo, pois o(a)s pesquisadore(a)s são conscientes de que sua cultura e origens molda a forma como veem o mundo.

Como se depreende desta lista não exaustiva, a pesquisa qualitativa permite realizar estudos que se aprofundam em muitos tópicos, além de permitir que a escolha dos temas de interesse seja feita com maior liberdade. Outros métodos de pesquisa podem ser limitados pela falta de possibilidade em estabelecer as condições de pesquisa (experimento), pela falta de dados ou pela falta de abrangência de variáveis suficientes, ou ainda pela dificuldade em obter a quantidade de respostas suficientes para trabalhar com uma amostra adequada (no caso do levantamento). Por isso, a pesquisa qualitativa tem ganhado destaque em muitas áreas acadêmicas e profissionais diferentes e representa um modo atraente de produção de pesquisa (YIN, 2016).

## 1.1 DESENHO DA PESQUISA QUALITATIVA

O desenho de pesquisa se refere ao processo de sua elaboração. Especificamente, à sequência de movimentos que levam aos resultados do estudo. Aqui, examinam-se tais movimentos conforme proposto por Cardano (2017).

*a) Especificação da pergunta que o estudo pretende responder e a qualificação da sua relevância*

A pesquisa social é um tipo de agir estratégico “voltado à elaboração de respostas plausíveis a perguntas relevantes” (CARDANO, 2017, p. 48). Tais perguntas versam sobre o como de um fenômeno social específico, por exemplo: as dinâmicas relacionais dos profissionais do setor da música no contexto de sua agência econômica (LIMA et al, 2020), ações sociopolíticas dos agentes culturais decorrentes das transformações recentes em mercados de bens e serviços culturais (GARCIA, 2019) ou a implementação da Lei Aldir Blanc no Rio Grande do Sul (MACIEL; CONSTANTE, 2021). Portanto, o(a) pesquisador(a) qualitativo busca resolver um problema por meio da formulação de uma pergunta, que será respondida por meio da coleta e análise de dados. Após a coleta, é escrito um relatório que divulga os resultados e pode ser divulgado em diversos tipos de estudos (CRESWELL, 2016).

Creswell (2016) explica que, nesse momento inicial da pesquisa, o(a) pesquisador(a) deve refletir sobre o seu tópico de estudo e delimitar o fenômeno de interesse. Ao longo desse processo, deve-se perguntar: Existe acesso aos participantes? Existem recursos para realizar a pesquisa e analisar as informações? É um tema interessante a ser estudado? Vai chamar a atenção do(a)s leitor(a)s? Acrescenta à literatura existente? É publicável? É do meu interesse? É possível analisar esse tema por um longo tempo?

Nessa reflexão, é preciso se atentar para alguns pontos:

- i) É preciso ter cuidado se se escolhe “estudar nosso próprio quintal”, ou seja, locais onde se trabalha ou com os quais se tem alguma relação

muito próxima (CRESWELL, 2016), pois corre-se o risco de ser capturado por explicações particularistas de pretensão generalista (“é assim que acontece, eu sei porque estou lá há muito tempo”).

- ii) Outro risco de selecionar um recorte no qual o(a) pesquisador(a) está muito envolvido, é focar numa pergunta irrelevante, isto é, para a qual acredita-se que já tenha resposta. A pergunta de pesquisa deve ser motivada por curiosidade, pelo genuíno interesse em descobrir e conhecer algo que não se sabe.
- iii) “a pergunta se propõe a dar explicações do como de um fenômeno social, sem pretender captar a sua essência, explicar sua totalidade” (CARDANO, 2017, p. 50).

Por fim, para justificar o empenho na construção de uma resposta à pergunta de pesquisa, é necessário delimitar sua relevância teórica e prática. A relevância teórica tange à capacidade dos resultados esperados, e depois obtidos, de oferecer uma contribuição ao conhecimento dos fenômenos sociais. Essa contribuição pode ser pela adição de nova documentação a um dado campo teórico, novas dimensões analíticas ou materiais empíricos adquiridos com novos métodos. A relevância pragmática de uma pergunta diz respeito à capacidade da resposta de orientar a solução do problema social ou uma representação mais eficaz dele. Trata-se, então, da utilidade do estudo para a sociedade. Aqui, deve-se evitar a tendência de derivar a relevância do estudo da importância do fenômeno para a sociedade, a pergunta de pesquisa deve ser relevante por seu próprio mérito.

#### *b) Delimitação do contexto teórico*

O contexto teórico corresponde ao campo de conhecimento consolidado que se dedica a investigar e compreender a estrutura e a dinâmica do fenômeno social de interesse, dentro do qual a resposta à pergunta se torna convincente.

O contexto teórico engloba teorias, conceitos e modelos analíticos que oferecem explicações sobre a produção e reprodução do fenômeno em estudo, bem como sobre seus efeitos e consequências sociais.

No exemplo em que a pergunta de pesquisa versa sobre as dinâmicas relacionais dos profissionais do setor da música no contexto de sua agência econômica, um *corpus* teórico que pode ser acionado para explicar as dinâmicas relacionais é o das redes sociais, abordagem que permite compreender as interações entre agentes e os resultados para seus recursos de poder e repertórios de ação.

### *c) Delimitação do contexto empírico*

O contexto empírico é “o lugar no qual o observador pode fazer a experiência mais coerente com os objetivos” (CARDANO, 2017, p. 53), no qual é possível obter uma resposta pertinente à pergunta de pesquisa. A delimitação do contexto empírico colabora para a especificação da pergunta e para a demarcação do alcance dos resultados esperados.

É importante frisar que o contexto empírico não é o objeto de pesquisa, o qual corresponde ao fenômeno social em estudo. Por exemplo, se a pergunta tange às dinâmicas relacionais dos profissionais do setor da música no contexto de sua agência econômica, o objeto de estudo são as dinâmicas relacionais, isto é, as formas de interação típicas do setor; e o contexto empírico é a agência (ação) econômica, ou seja, no desenvolvimento de suas atividades produtivas.

O processo de elaboração da pergunta e individuação do contexto empírico pode ocorrer de duas formas, pelo menos:

- i) a partir da delimitação da pergunta, escolhe-se o contexto empírico que oferece uma resposta mais eloquente;
- ii) a partir da experimentação em um dado contexto empírico, a pro-

gressiva adaptação da pergunta a ele. Essas são denominadas pesquisas oportunistas: quando o(a) pesquisador(a) tira proveito de sua experiência em um contexto de ação. Nesse caso, é preciso chamar a atenção para os pontos elencados no tópico anterior, pois há risco de o(a) pesquisador(a) não conseguir construir a pergunta de pesquisa [“quem não sabe o que procurar, corre o risco de não encontrar” (CARDANO, 2017, p. 58)].

#### *d) Escolha dos casos e amostragem*

Tendo em vista a relação entre a pergunta de pesquisa e o contexto empírico, surge a exigência de selecionar uma amostra de indivíduos, grupos, textos ou eventos, a qual será observada de forma mais próxima. Por amostra entende-se “o resultado de qualquer operação visando constituir o *corpus* empírico de uma pesquisa” (PIRES, 2014, p. 154).

Pires (2014) divide as amostras qualitativas em dois tipos: por caso único e por múltiplos casos.

A *amostragem por caso único* implica fazer um estudo em profundidade desse único caso. O caso pode ser simples (uma pessoa, um processo jurídico) ou complexo (uma comunidade, um setor criativo). A escolha do caso deve considerar alguns critérios:

- pertinência em relação ao problema de pesquisa;
- qualidades intrínsecas (sua “riqueza”);
- a tipicidade (aquilo que num determinado domínio é típico, que constituiu uma espécie de microcosmo do mais amplo domínio do qual faz parte);
- a possibilidade de aprender com o caso;
- seu interesse social;

- as oportunidades que ele oferece para entender certos aspectos da vida social;
- sua acessibilidade à investigação.

As amostras por caso único podem ser:

- i) de ator: o conjunto de dados se constitui em torno de uma pessoa ou de uma família; comumente usado em pesquisas biográficas;
- ii) de meio, geográfico ou institucional: escolhe-se um “meio”, como uma cidade, um setor cultural, uma política pública, uma organização;
- iii) de acontecimento ou enredo: toma como ponto de fundamentação empírica um acontecimento que é pouco frequente: um escândalo, uma crise, um incidente, um embate moral, etc. Nesse caso, tem-se o critério da atipicidade: casos desviantes, que se comportam de forma muito diferente em relação aos demais dentro de um domínio em estudo.

Já a *amostragem por casos múltiplos* é utilizada quando o objetivo demanda construir um panorama, uma visão de conjunto ou um retrato global de um problema ou situação. Por isso, um dos critérios que orientam a seleção dos casos é o da diversificação, com a finalidade de incluir a maior variedade possível (PIRES, 2014). A diversificação pode ser de duas formas:

- i) externa (intergrupo) ou contraste: se aplica quando a finalidade é apresentar um retrato global ou contrastar um leque de casos variados. Por exemplo, no estudo sobre como os municípios se apropriaram do conceito de economia criativa para orientar as políticas públicas locais, Aguiar (2018) escolheu três municípios que se diferenciavam quanto à posição que ocupavam no ranking de cidades criativas. Com isso ele pôde identificar as estratégias de cada uma e os resultados alcançados, oferecendo uma visão geral de um grupo heterogêneo. Trata-se, assim, de garantir na amostra a presença de ao menos um representante de

cada grupo pertinente em relação ao objeto de investigação,

- ii) interna (intragrupo): usada quando pretende-se apresentar um retrato global sobre uma situação dentro de um grupo homogêneo. No exemplo do estudo sobre as dinâmicas relacionais no setor da música, foi investigada a representação social desse grupo de agentes quanto à sua identidade. Aqui, o primeiro critério é a homogeneidade da amostra: somente membros do setor da música são admissíveis; em seguida, deve-se ter em conta a diversificação interna do grupo: gênero, raça, região, idade, escolaridade, etc. Trata-se, então, de um estudo em profundidade de um grupo restrito.

Outro critério que orienta a seleção de casos nesse tipo de amostragem é o da saturação, quando julga-se que os últimos dados coletados (documentos, entrevistas, observações) não trazem mais informações novas ou diferentes para justificar uma ampliação do material empírico. Ou ainda, quando a adição de novos casos deixa de agregar para a compreensão do fenômeno em estudo. Desse modo, ela indica o momento de parar de inserir casos na amostra ou de coletar dados.

A amostra por casos múltiplos pode ser:

- i) por contraste: o objetivo é permitir a comparação. Trata-se de garantir a presença de ao menos um representante de cada grupo pertinente em relação ao objeto de investigação;
- ii) por homogeneização: pretende-se estudar um grupo relativamente homogêneo: empreendedores culturais das artes cênicas, gestores municipais da cultura, uma comunidade religiosa, etc. Aqui aplica-se o princípio da diversificação interna: tornar os informantes mais diversos dentro do grupo. O propósito é descrever a diversidade interna de um grupo.
- iii) por contraste-aprofundamento: aplicada ao estudo coletivo de casos

com o propósito de comparar dois ou três casos de um meio social diferente. Por exemplo, na pesquisa já mencionada de Aguiar (2018), os três municípios selecionados, além de estarem numa posição diferente no ranking de cidades criativas, tinham diferentes características como população, IDH e estado da federação.

- iv) por contraste-saturação: acumula vários casos e coleta poucos dados para cada um. Permite a construção de casos-tipo, tipologia derivada da agregação de casos homogêneos.

#### *e) Método*

A escolha do método se refere à qualificação das técnicas de pesquisa, a partir das quais será construída a documentação empírica que será analisada com vistas à elaboração da resposta à pergunta do estudo. Dessa maneira, tal escolha deve ser consistente com a pergunta de pesquisa e o contexto empírico e deve considerar a viabilidade do estudo e implicações éticas. “Trata-se, antes de tudo, de avaliar se e em quais condições podemos ter acesso à documentação empírica necessária aos nossos objetivos” (CARDANO, 2017, p. 96).

As técnicas de pesquisa qualitativa mais comuns são:

- i) observação participante: técnica na qual a proximidade com o objeto transforma-se no compartilhamento da experiência das pessoas envolvidas no estudo. É um estilo interativo. Cardano (2017) sustenta que essa é a principal técnica para o estudo da interação social, pois o agir é observado diretamente, no seu fazer, e não reconstruído por meio de relatos. A interação é observada em um contexto natural, isto é, sem a interferência do(a) pesquisador(a) (como nos experimentos, por exemplo, nos quais o contexto da interação é criado artificialmente pelo(a) pesquisador(a)). Demanda tempo prolongado no campo.
- ii) entrevista: coleta de material empírico por meio de interlocução direcionada. Tem-se dois tipos: (a) na entrevista estruturada, a interação entre entrevistador(a) e entrevistado(a) é guiada por um roteiro (pontos

a serem perguntados) ou questionário (perguntas pré-determinadas); (b) a entrevista discursiva é uma forma de conversação em que o(a) entrevistador(a) define o tema da conversa e como ela se desenvolverá, e o(a) entrevistado(a) expõe livremente a partir da provocação. As entrevistas estruturadas podem ser individuais, quando se quer explorar em detalhes a cosmovisão pessoal do(a) entrevistado(a); ou grupais, quando o objetivo é estimular o(a)s participantes a discutir e reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem (GASKELL, 2002).

iii) pesquisa documental (CELLARD, 2014): o documento escrito é uma fonte de dados importante para a pesquisa social. Nesse método, a influência da pessoa que pesquisa é minimizada, pois não é exercida qualquer influência no conjunto de interações e acontecimentos pesquisados. Esse tipo de pesquisa envolve: (1) reconhecimento dos depósitos de arquivos; (2) realização de inventário exaustivo e seleção rigorosa da informação disponível; (3) identificação e explicitação do contexto social mais amplo no qual foi produzido o documento; (4) conhecer a autoria do documento, bem como seus interesses e intenções; (5) assegurar-se da qualidade da informação e da procedência do documento; (6) considerar a natureza do texto antes de tirar conclusões, pois documentos (de natureza teológica, médica ou jurídica, por exemplo) “são estruturados de formas diferentes e só adquirem um sentido para o leitor em função de seu grau de iniciação no contexto particular de sua produção” (CELLARD, 2014, p. 302); (7) identificação dos conceitos-chave presentes no texto e delimitação do sentido das palavras e conceitos; (8) leitura repetida para identificar as similitudes, relações e diferenças.

## **1. 2 TEORIAS COMUMENTE COMBINADAS COM A PESQUISA QUALITATIVA**

As teorias buscam dar sentido a certos fenômenos, e muitas delas estão sempre em transformação, pois novas descobertas podem fazer com que elas sejam

reforçadas ou rejeitadas, levando ao surgimento de novas teorias. Baseadas em dados significativos, as teorias contribuem para a determinação do que deve ser observado, anotado ou perguntado, de forma que orientem a estrutura da pesquisa. O(a)s pesquisadore(a)s qualitativos, com o auxílio das teorias, fundamentam e constroem sua pesquisa. Abaixo são descritas, para fins de exemplo, três estruturas teóricas que são usadas por esse(a)s pesquisadore(a)s, conforme Tracy (2020).

#### *Interacionismo simbólico*

Essa teoria foi desenvolvida por Herbert Blumer e tem como base o pressuposto de que as pessoas agem de acordo com o que interpretam das situações ocorridas no dia a dia. O interacionismo simbólico investiga como as interpretações são feitas por meio da interação, pois o seu princípio central é de que as pessoas se baseiam em sua própria interpretação do que acontece na vida cotidiana. Se concentra no uso de símbolos (palavras, gestos ou números), sugerindo que o uso destes como mediadores das reações dos participantes às situações. O uso dos símbolos torna possível o pensamento conceitual, com o qual formamos opinião sobre passado, presente e futuro. A linguagem torna possível a compreensão de questões ou conceitos tanto quanto maior for o tamanho do vocabulário, pois maior é o banco de conhecimento (TRACY, 2020).

Outro ponto em que a teoria do interacionismo simbólico se concentra é em como as pessoas se veem a si mesmas, por meio da visão que os outros têm a respeito delas. Criam-se eus de espelho, onde as reações de outras pessoas e a forma como se olha para essas pessoas têm um papel importante na criação da própria identidade, que se combina com as escolhas feitas. As pessoas tendem a se moldar conforme as expectativas dos outros. Isso leva o(a)s pesquisadore(a)s qualitativos a usarem a interação simbólica para examinar a identidade, ação e ambiente, vendo como essa linguagem pode servir como uma profecia auto-realizável (TRACY, 2020).

### *Teoria da estruturação*

As estruturas, observadas pelo(a)s pesquisadore(a)s qualitativo(a)s, tratam das diretrizes informais e regras formais que encorajam, moldam e restringem as ações das pessoas. Para Tracy (2020), a estrutura trata dos discursos de grandes dimensões de escolas de conhecimento, normas sociais e mitos.

A teoria da estruturação, formulada por Anthony Giddens, assume que a atenção do(a) pesquisador(a) seja voltada para a interação da ação individual com a estrutura institucional. As estruturas são criadas por indivíduos e se tornam válidas no momento em que são seguidas e interferem nas escolhas dos demais indivíduos. Portanto, ação e estrutura constroem e refletem uma sobre a outra de forma contínua. As estruturas, ao longo do tempo, são tomadas como normalidade, e o papel do(a)s pesquisadore(a)s qualitativos é destacar a sua existência e falar sobre as consequências da sua aceitação como normal e como as práticas individuais servem para sustentar ou romper estruturas maiores (TRACY, 2020).

### *Teoria da criação de sentido*

Formulada por Karl Weick, essa teoria enfatiza a criação de significado, a ambiguidade e a identidade. A teoria de “dar sentido” faz uma abordagem de fora para dentro, e incentiva o(a)s pesquisadore(a)s a estudarem as interações do(a)s participantes como uma forma de entender o que ele(a)s estão pensando e acreditando. Especialmente para situações coletivas e caóticas, o estudo dessa teoria auxilia no entendimento de como os sujeitos perdem e recuperam o sentido e o senso de si mesmos em situações de emergências (incêndios, acidentes aéreos e outros desastres) (TRACY, 2020).

O ‘criar sentido’ neste caso se compõe em três fases: encenação, seleção e retenção. A encenação trata da parte “o que eu digo” da teoria, na qual o(a)s participantes chamam a atenção para algumas questões que devem ser comentadas, limitando as interpretações da situação. A seleção é a fase “até que eu veja”, onde o(a)s participantes começam a selecionar as interpretações da situação, que sejam interessantes, preferidas ou significativas. E a fase da

retenção se trata de “o que eu penso”, e é a interpretação que é retida para situações futuras. Essa teoria pode ser usada no estudo de como determinados profissionais dão sentido às suas identidades (TRACY, 2020).

## 2. TIPOS DE PESQUISA: ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é um método que considera que se pode adquirir conhecimento a partir da exploração bem-feita de um único caso. Essa forma de análise considera a unidade a ser estudada como um todo, seja ela uma pessoa, família, grupo, instituição, setor, região, país ou evento. Por meio da junção de todas as informações, busca-se explorar profunda e exaustivamente o objeto do estudo, de forma a fazer uma descrição detalhada e complexa que não é conseguida pela análise estatística. No estudo de caso não há homogeneização, as particularidades são consideradas (GOLDENBERG, 2011). Contudo, o estudo de caso também pode servir de fundamento para pesquisas quantitativas, mesmo que a inferência fique limitada nesta situação.

Os estudos de caso costumam atribuir intensidade e profundidade à pesquisa, visto que apresentam muitas informações sobre a unidade estudada (MARSHALL e ROSSMAN, 2016; GRØNMO, 2019). As unidades de análise devem ser definidas (se será um indivíduo, um pequeno grupo, uma instituição, um setor, uma cidade, uma região, um país, um evento, etc.). As mais comuns são relativamente complexas, como organizações ou comunidades locais específicas, definidas em algum nível de aglomeração. Dentro dessas unidades, por vezes existem subunidades, que podem ser consideradas nos estudos, como um nível micro. Essas subunidades podem ser consideradas amostras e serem utilizadas para uma generalização teórica (GRØNMO, 2019).

Os estudos de caso são muito utilizados por pesquisadore(a)s qualitativo(a)s por evidenciarem o contexto e as interações dinâmicas, às vezes ao longo do tempo, como explicam Marshall e Rossman (2016). Ao se basear principalmente em métodos qualitativos, o(a) pesquisador(a) pode construir um estudo de caso sob um gênero único ou sob vários gêneros qualitativos. De qualquer forma, entre as muitas vantagens que ele apresenta estão a flexibilidade de abordar várias perspectivas, ferramentas de coleta de dados e de interpretação.

Nesse sentido, o estudo de caso busca obter informações relevantes sobre o objeto de estudo, de forma que se possa aprofundar o conhecimento sobre este e esclarecer questões oportunas. O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa cuja utilização vem crescendo e que adota vários recursos para a coleta de informações. Para Chizzotti (2006, p. 136):

“Os estudos de casos visam explorar, deste modo, um caso singular, situado na vida real contemporânea, bem delimitado e contextualizado em tempo e lugar para realizar uma busca circunstanciada de informações sobre um caso específico. O caso pode ser único e particular ou abranger uma coleção de casos, especificados por um aspecto ocorrente nos diversos casos individuais como, por exemplo, o estudo de particularidades ocorrentes em diversos casos individualizados.”

Chizzotti (2006) sugere a elaboração de um plano de estudo do caso, comportando as seguintes fases:

*i) Fase preparatória*

Vai da preparação até a seleção do caso. Inicialmente é preciso que se estude a literatura existente para que se possam elaborar as primeiras noções do que definirá o caso. É importante ter em mente o que será estudado, por vezes manter contato com o objeto de estudo e, dependendo da complexidade da pesquisa, executar um projeto-piloto para que se tenha noção das linhas gerais a serem seguidas. Deve-se ter o cuidado de verificar se o estudo de caso pretendido está conectado com as fontes materiais disponíveis, pois as fontes devem ser justificadas como as mais adequadas para atingir os objetivos, e também de garantir que sejam fornecidos os acessos aos dados que serão utilizados.

Quando há muitas possibilidades para a seleção do caso, é necessário deixar claro o método de seleção. O(A) pesquisador(a) deve ser capaz de justificar a sua escolha, de acordo com a finalidade e uso pretendido do estudo. Os critérios para selecionar um determinado caso podem se basear na familiaridade

do(a)s pesquisadore(a)s com esse caso ou com o significado intrínseco deste (MARSHALL e ROSSMAN, 2016).

*ii) Trabalho de campo*

O estudo de caso envolve a coleta de informações sobre o objeto de estudo, seja ele um indivíduo, grupo, evento, organização, comunidade, setor, etc. Há múltiplas fontes para a coleta dessas informações, mas a que tem sido mais utilizada é a entrevista, nas suas várias modalidades (aberta, semiestruturada ou focada).

*iii) Organização dos registros*

Os registros utilizados na pesquisa devem ficar arquivados caso sejam necessárias consultas posteriores, para esclarecer ou confirmar alguma informação.

*iv) Redação do relatório*

O texto final expõe de forma detalhada o caso estudado, apresentando as lições e resultados do estudo, informações sobre a coleta de dados, e análise dos temas envolvidos para chegar a uma interpretação. É importante que seja utilizada uma linguagem facilitada para a análise, abordando as conclusões sobre as hipóteses e objetivos que foram pretendidos no estudo, de forma a

eliminar interpretações alternativas. Como pode apresentar perspectivas diversas e não apenas a leitura única de um caso, sugere-se que passe por análise crítica de muito(a)s avaliadore(a)s.

Os estudos de caso podem servir a diferentes propósitos:

- a) Um estudo de caso instrumental, apesar da sua singularidade, é realizado na busca de refinar uma teoria e verificar a sua potencial aplicação para casos semelhantes em pesquisas posteriores. Por ser o estudo de caso uma unidade típica de um universo maior, é comum que sejam realizadas comparações entre diferentes unidades e posteriores generalizações teóricas, como parte de um projeto de estudos maior - que continua sendo considerado um estudo de caso pelo fato das unidades serem estudadas individualmente (GRØNMO, 2019).
- b) O estudo de caso intrínseco é escolhido por conta de sua singularidade, apesar de não ser representativo de outros casos (STAKE, 1994; YIN, 2006). O objetivo é compreender de forma abrangente ou integral a unidade estudada por ser esta considerada de interesse científico, sem necessariamente ser considerada como parte de um interesse maior.
- c) É possível ainda que se busque explorar várias instâncias de um fenômeno, realizando um estudo de caso múltiplo, de acordo com Marshall e Rossman (2016).

O estudo de caso é considerado eficiente para estudos exploratórios, na identificação de temas de pesquisa ou estudos-piloto. É de uso interessante também para análises precedentes da pesquisa e teste de hipóteses ou ideias para estudos posteriores (CHIZZOTTI, 2006). Pesquisadore(a)s que se utilizam de estudos de caso muitas vezes ressaltam que o objetivo não é necessariamente a generalização, porém, por vezes, acabam fazendo analogias com casos similares. Existem diferentes técnicas de análise, como correspondência de padrões, análise de séries temporais, construção da explicação ou rastreamento de processos, modelos lógicos e sínteses de estudos de caso (YIN, 2018).

O Quadro 1 apresenta uma lista de conferência para iniciar um estudo de caso.

#### QUADRO 1 - LISTA DE CONFERÊNCIA PARA INICIAR UM ESTUDO DE CASO

QUESTÕES DE PESQUISA	QUE INFORMAÇÃO É NECESSÁRIA?	COMO A INFORMAÇÃO PODE SER OBTIDA?	QUAL É O MÉTODO APROPRIADO?	OUTRA INFORMAÇÃO

Fonte: adaptado de Hancock e Algozzine (2018, p. 58).

# 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

## 3.1 QUESTIONÁRIO

Os dados sociais podem ser divididos em comunicação formal e informal, e podem ser construídos por meio de textos, imagens ou materiais sonoros. Por meio da comunicação informal as pessoas podem se expressar da forma que queiram, com a existência de poucas regras. O que é importante nesse caso é observar como as pessoas agem e pensam sobre suas ações e as dos outros, de forma espontânea. Na comunicação formal, as ações comunicativas requerem um conhecimento especializado. Esse tipo de comunicação deve seguir regras. Porém, por vezes é permitido que as mesmas sejam alteradas em proveito próprio. Assim ocorre a inovação. Os produtos resultantes da comunicação formal, possivelmente podem ser usados sem qualquer prejuízo no ato da comunicação. Exceto quando os comunicadores falam por grupos sociais os quais não representam. Neste caso surge um problema, pois as falsas falas devem ser identificadas, visto que o objetivo da pesquisa social é identificar trajetórias condizentes com a realidade, como é percebida, e como pode influenciar o caminho futuro (BAUER; GASKELL, 2002).

Na pesquisa social uma das formas mais comuns de coleta de dados é o questionário<sup>1</sup>. Este instrumento, conforme definido por Gil (1989, p. 24), é “uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. São apresentadas a seguir algumas de suas características, forma de uso e como construí-los.

---

<sup>1</sup> Não se aborda neste capítulo o método Delphi, utilizado em estudos corporativos e voltado para a tomada de decisões a partir de questionários respondidos de forma autônoma e independente por um grupo de especialistas em um determinado assunto.

Os questionários buscam cumprir duas funções básicas: descrever as características de, por exemplo, um grupo social e mensurar as variáveis desse grupo. Por meio do questionário é possível observar as características do grupo social escolhido, como sexo, idade, escolaridade, estado civil, entre outros. A descrição das características do grupo podem cumprir diversos objetivos e ajudar não somente o(a) pesquisador(a) em questão, mas também outro(a)s pesquisadore(a)s, especialistas e planejadore(a)s. Outra função dos questionários é medir variáveis individuais ou grupais, que pode ser atingida pelas questões unidimensionais (perguntas múltiplas, na forma de escalas ou abertas) (RICHARDSON, 1999).

Os questionários podem ser de poucas ou muitas perguntas, abordando apenas um ou vários tópicos. Essa definição estará a cargo do(a) pesquisador(a) e dos objetivos de pesquisa para o qual se realiza a coleta de dados, podendo este(a) definir o tamanho, a natureza e o conteúdo do questionário. Os questionários podem ser classificados conforme o tipo de pergunta a ser feita para o(a)s entrevistado(a)s e conforme o seu modo de aplicação.

Quanto ao tipo de pergunta, há três categorias de questionários: com perguntas fechadas, com perguntas abertas, e os que fazem uma combinação entre perguntas fechadas e abertas. Os questionários que aplicam perguntas fechadas são aqueles em que as alternativas de respostas são fixas e preestabelecidas, devendo o(a) entrevistado(a) escolher entre aquelas que mais se adéquam às suas características. É importante, na elaboração de questões fechadas, que sejam incluídas todas as possibilidades de resposta que se possa esperar e que as alternativas sejam excludentes (o(a) entrevistado(a) não pode ter dúvida entre qual alternativa escolher por ambas terem o mesmo significado ou sentidos próximos).

Os questionários de perguntas abertas são aqueles que permitem que as respostas sejam dadas na forma de frases ou orações. O(A) pesquisador(a), em vez de antecipar as respostas, quer uma elaboração maior destas por parte do(a) interlocutor(a). Frequentemente ocorre a combinação de perguntas fechadas e abertas, para aprofundar opiniões e dar (a)o entrevistado(a) alguma liberdade de resposta. Porém, a inclusão da opção 'outros', por exemplo, têm um papel

mais importante nas fases de pré-entrevista, podendo auxiliar na adequação das opções de resposta fechada.

**QUADRO 2 - TIPOS DE PERGUNTAS E EXEMPLOS**

PERGUNTAS FECHADAS	Alternativas dicotômicas	Exemplos: Sim - Não. Verdadeiro - Falso. Certo - Errado. Concorda - Discorda
	Respostas múltiplas	Exemplo: ( ) Manhã. ( ) Tarde. ( ) Noite.
	Alternativas hierarquizadas	Exemplo: ( ) Nunca. ( ) Ocasionalmente. ( ) Frequentemente.
PERGUNTAS ABERTAS		Exemplo: Qual é a sua ocupação principal? .....
PERGUNTAS ABERTAS E FECHADAS		Exemplo: Qual o tipo de programa de TV é de sua preferência? ( ) Noticiários. ( ) Esportivos. ( ) Humorísticos. ( ) Outros: .....

Fonte: adaptado de Richardson (1999), p. 191-193.

Existem temas que podem ser abordados por perguntas fechadas, pois podem ser limitados a algumas poucas alternativas. Porém, há outros que não podem ser classificados em uma quantidade limitada de categorias. A escolha entre um ou outro tipo depende da complexidade dos temas e da familiaridade do(a) pesquisador(a) ao pesquisar determinado assunto.

### QUADRO 3 - VANTAGENS E DESVANTAGENS DE PERGUNTAS ABERTAS E FECHADAS

PERGUNTAS FECHADAS	
VANTAGENS	DESVANTAGENS
As respostas são fáceis de codificar.	Dificuldade em proporcionar todas as alternativas possíveis, fazendo com que o(a) entrevistado(a) escolha entre alternativas que não se adequam à sua maneira de pensar.
O(A) entrevistado(a) não precisa escolher.	O(A)s entrevistado(a)s podem perder a consistência nas respostas, assinalando a primeira alternativa para que o questionário termine o mais cedo possível.
Perguntas fechadas tornam o preenchimento menos cansativo.	
Torna mais provável a devolução do questionário preenchido.	
PERGUNTAS ABERTAS	
VANTAGENS	DESVANTAGENS
Propicia maior liberdade de resposta (a) o entrevistado(a).	Dificuldade de classificação e codificação.
	O fato de algumas pessoas terem mais facilidade para escrever que outras pode dificultar a interpretação.
	Maior tempo é demandado para o preenchimento.

Fonte: adaptado de Richardson (1999), p. 194-196.

Os questionários podem ser aplicados mediante contato direto com o(a) entrevistado(a)s, pelo(a) próprio(a) pesquisador(a) ou por pessoas treinadas por ele(a). Essa forma permite uma maior interação e explicação da pesquisa, e também evita o não preenchimento do questionário. O contato direto para o preenchimento pode ser feito de forma individual ou grupal. Outra forma de aplicação do questionário é pelo envio deste e de suas instruções de preenchimento pelo correio, atribuindo um tempo hábil entre a entrega e a devolução destes. A aplicação por correio permite que sejam incluídos na pesquisa um grande número de pessoas de localidades diferentes. Porém, há uma baixa taxa de devolução dos questionários enviados, e assim os resultados da pesquisa podem ser afetados pelo fato de não ser obtida uma amostragem aleatória e, acrescenta-se ainda a insegurança com relação ao(a)s respondentes (as respostas não podem ser consideradas opiniões individuais, mas familiares).

A elaboração do questionário deve levar em conta que este não deve estender-se em demasia, normalmente algo entre trinta minutos e uma hora, a depender do formato de aplicação. Também deve levar em conta que os tópicos incluídos devem ter um motivo para estarem ali e que é necessário o direcio-

namento para um público-alvo - isso permite (a) o pesquisador(a) se prover de maior conhecimento sobre as características e interesses desse público, facilitando o entrosamento entre ambos. Ao planejar o questionário, é necessário também levar em conta o tipo de análise que se pretende realizar com os dados que serão obtidos.

Richardson (1999), indica algumas considerações importantes para a preparação do questionário:

1. Deve-se determinar qual é o interesse da pesquisa;
2. É importante ter em mente as hipóteses que servirão de base para a formulação das perguntas, para que as perguntas estejam ligadas aos objetivos do trabalho;
3. Estabelecer um roteiro de perguntas para o questionário;
4. Fazer a redação das perguntas; e,
5. Preparar os elementos adicionais ao questionário.

Entre os elementos adicionais, estão as apresentações, instruções e agradecimentos (a)os entrevistado(a)s.

Há ainda outros cuidados a serem tomados na elaboração das perguntas, como: somente incluir perguntas que visem atender aos objetivos da pesquisa; utilizar vocabulário claro, evitando termos técnicos; evitar unir duas perguntas em uma; evitar perguntas que geram racionalizações (por que você fez isso?), as perguntas devem versar sobre os fatos: quando isso aconteceu? Como isso aconteceu? Qual foi sua reação?; adequar as perguntas às possibilidades do(a)s entrevistado(a)s e evitar perguntas que sejam difíceis de serem respondidas; dar preferência a itens curtos, que possam ser lidos e compreendidos rapidamente; evitar perguntas negativas; e, não incluir perguntas direcionadas, para que o(a) entrevistado(a) não se sinta pressionado(a) a responder algo que considere que seja a 'resposta certa' ou pretendida.

Para que o questionário possa ser facilmente aplicável, é importante ainda considerar a ordem de disposição das instruções e perguntas, e também diferenciar a forma de apresentação. Por exemplo, perguntas em letras maiúsculas, respostas em letras minúsculas e instruções entre parênteses.

Quanto à ordem dinâmica do questionário, pode-se iniciar com as questões que não são voltadas à problemática da pesquisa, seguidas daquelas que estão relacionadas de forma mais geral. Na sequência, podem ser incluídas as perguntas que formam o núcleo do questionário (mais complexas ou emocionais). E, finalmente, ficam as perguntas mais fáceis, terminando com uma que permita (a) o entrevistado(a) analisar o questionário e o processo de entrevista.

As perguntas devem ser dispostas de forma que uma análise posterior dos dados seja facilitada, o que pode ser conseguido com um questionário que não seja sobrecarregado de números ou símbolos e realizando uma pré-codificação do mesmo.

Para revisar e direcionar os aspectos da investigação, o questionário deve passar por um pré-teste (ou validação). A aplicação prévia deve ser feita em um grupo que apresente as mesmas características da população alvo da pesquisa, o que vai possibilitar o treinamento dos pesquisadores e identificação das dificuldades práticas do questionário, dando os encaminhamentos para a obtenção do questionário definitivo. Esse é o momento de analisar o comportamento das variáveis e analisar as categorias das questões fechadas (se devem ser incluídas novas, se a pergunta deve ser reformulada, etc.).

Como outros instrumentos de pesquisa, o uso de questionários apresenta vantagens e desvantagens. Entre as vantagens estão: o questionário pode coletar informações de um grande número de pessoas simultaneamente; apresenta certa uniformidade nas informações, visto que todos o(a)s entrevistado(a)s recebem as mesmas informações; as pessoas se sentem mais livres para responder, em caso de questionários anônimos; podem ser obtidas respostas mais reflexivas, e; a tabulação dos dados é facilitada. Enquanto que entre as desvantagens, podem-se citar: muitas vezes não são obtidas respostas de todos os questionários, o que pode introduzir vieses na amostra; não há como se certificar que as respostas correspondem à realidade, e; a confiabilidade é questionada, visto que as respostas do indivíduos podem mudar com o tempo.

### 3.2 ENTREVISTA

A técnica de entrevistas é um modo de comunicação em que a informação é transmitida de uma pessoa para outra, emissor e receptor. As entrevistas são um modo de comunicação bilateral e “refere-se ao *ato de perceber realizado entre duas pessoas*” (RICHARDSON, 1999). Assim, a entrevista qualitativa segue um formato conversacional, que permite que haja uma interação maior entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e na qual o(a)s entrevistado(a)s têm maior liberdade para expressar suas opiniões sobre os pontos pesquisados (YIN, 2006).

As entrevistas podem ser: (1) não estruturadas: busca-se que o(a) entrevistado(a) responda sobre os aspectos que se consideram mais relevantes do problema em foco, normalmente guiada por uma lista de pontos a serem discutidos; (2) estruturadas: seguem um roteiro cuidadoso para a interação entre entrevistador(a) e entrevistado(a). Tal roteiro toma a forma de um questionário (lista de perguntas) que é seguido pelo(a) pesquisador(a), aplicando todas as perguntas (a)o entrevistado(a) com o objetivo de obter as respostas deste(a). Até mesmo o comportamento do(a) pesquisador(a) deve seguir um roteiro padronizado, frente (a)os diferentes entrevistado(a)s, e esse comportamento deve provir de um treinamento realizado previamente para a realização padronizada da coleta de dados (YIN, 2006). As entrevistas semiestruturadas são uma combinação dos dois formatos anteriores (ver abaixo).

Para conduzir uma entrevista, é importante que o(a) pesquisador(a) realize um verdadeiro trabalho sociológico, interagindo e compreendendo a realidade do(a)s pesquisado(a)s e entrando em sua realidade. A forma de conduzir a entrevista e elaborar a problemática deve ser adaptada a seu objeto (BEAUD; WEBER, 2007).

Outra questão relevante diz respeito ao registro das entrevistas, sendo a gravação uma condição essencial. A gravação condiciona a qualidade da entrevista e dos dados coletados, pois permite que sejam captadas integralmente todas as palavras do(a) entrevistado(a) - com a possibilidade de escutar em repetição - e fornece um volume muito maior de informações (BEAUD; WEBER, 2007). É necessário sempre solicitar autorização para gravar. Esse pedido é considerado delicado por pesquisadore(a)s iniciantes, pois há a possibilidade

de recusa. É importante adquirir um aparelho simples ao qual se conheça bem o funcionamento. Assim como o cuidado com o(a)s entrevistado(a)s, buscando tranquilizá-lo(a)s quanto ao respeito ao anonimato e fazendo o anúncio de forma natural, ressaltando a importância deste procedimento para a pesquisa. O pedido para gravação deve ser feito suavemente, sem muita formalidade, pois as evidências indicam que a resistência é maior quando feito dessa forma (BEAUD; WEBER, 2007).

Durante a realização da entrevista, deve-se ter atenção para o tempo de aquecimento, quando o(a) pesquisador(a) faz perguntas mais gerais com vistas a estabelecer a relação e deixar o(a) entrevistado(a) mais confortável. Perguntas como: quando você começou a trabalhar aqui? ou fale um pouco sobre sua trajetória profissional. Ambas servem a esse tipo de propósito. É interessante abordar o assunto de pesquisa iniciando por um campo conhecido, e no decorrer da entrevista intercalar as fases “informativas” com aquelas em que o(a) entrevistado(a) se coloque a falar de si. Outra questão a ser lembrada: o(a) entrevistado(a) deve estar desde o início da entrevista informado(a) sobre qual será o rumo tomado, sobre qual assunto será abordado. E é o(a) pesquisador(a) que irá direcioná-lo, permitindo que o espaço vá se criando aos poucos (BEAUD; WEBER, 2007).

Ainda, é importante, durante o decorrer do processo, não tentar interpretar as falas do(a) interlocutor(a) ao mesmo tempo em que se realizam as perguntas, para que este(a) não se sinta constrangido(a). Também, é preciso cuidado para não interromper o(a) interlocutor(a), dando novos estímulos sempre que preciso, rebuscando suas falas anteriores. Siga suas questões e procure deixar a entrevista precisa, evitando principalmente trocar muito o tema abordado (BEAUD; WEBER, 2007). A orientação da entrevista deve ser feita também no sentido de dar nova direção, buscando se atentar para a linha de pesquisa quando a entrevista estiver tomando rumo diverso.

Para conhecer o que o(a)s interlocutore(a)s pensam sobre determinadas questões, é importante começar por conhecer o cotidiano deste(a)s, fazendo questões sobre suas atividades. Para obter narrativas das práticas do cotidiano do(a)s interlocutore(a)s, é interessante usar a linguagem simples e expressar curiosidade. Solicitar (a)os entrevistado(a)s para que contem histórias pode ser

uma forma de fazer com que ele(a)s deem vida ao contexto. Isso fornecerá uma rica entrevista e permitirá a melhor análise das situações sociais. As questões adjacentes que forem surgindo podem possibilitar o direcionamento para novas questões de pesquisa (BEAUD; WEBER, 2007). Preocupe-se em coletar o máximo de dados objetivos durante a entrevista, mas com o cuidado de não deixar ela se tornar um interrogatório para o(a) interlocutor(a), pois isso pode tolher a espontaneidade deste durante os relatos.

Dentre as pesquisas qualitativas, as entrevistas semiestruturadas são as principais formas de coleta de dados pelos pesquisadore(a)s. De forma alternativa a estas, há também outras duas técnicas de levantamento de dados: a entrevista narrativa e a entrevista episódica.

### *i) Entrevistas semiestruturadas*

Segundo Triviños (1987, p. 146), geralmente é “aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo (...)”. Portanto, esse tipo de entrevista enaltece o(a) pesquisador(a) ao mesmo tempo em que permite (a)o entrevistado(a) espaço para certa liberdade e espontaneidade.

As entrevistas semiestruturadas atraem interesse pela expectativa de que o(a)s entrevistado(a)s revelem mais facilmente seus pontos de vista em entrevista aberta do que naquelas padronizadas ou nas quais devem ser seguidos questionários (FLICK, 2004). Busca obter maior profundidade a respeito dos dados a serem analisados e em seus resultados (NUNES, NASCIMENTO e ALENCAR, 2016). A vantagem do uso das entrevistas semiestruturadas, ressaltada por Flick (2004), é que com o auxílio de um guia de entrevista é aumentada a comparabilidade dos dados e a sua estruturação.

As entrevistas semiestruturadas são divididas em alguns tipos: entrevista focal; entrevista semipadronizada; entrevista focada no problema; entrevista com especialistas; e entrevista etnográfica. Veremos cada uma delas a seguir:

- **Entrevista focal**

A entrevista focal, ou grupo focal, é um tipo de entrevista que é realizada em grupo e o seu objetivo é a interação dentro do grupo. Esses grupos possuem características definidas de acordo com a proposta, tamanho e procedimentos da entrevista. O(A) pesquisador(a) estimula a discussão com comentários ou introduz assuntos e o(a)s participantes influenciam uns aos outros com suas respostas e contribuições. Segundo Freitas *et al.* (1998), os dados que são produzidos por esse tipo de entrevista são as transcrições das discussões em grupo e as anotações e reflexões do(a) pesquisador(a).

Essa é uma entrevista guiada que busca estudar o impacto no(a)s entrevistado(a)s após a exposição deste(a)s a um estímulo uniforme, como por exemplo, um filme. A condução desse tipo de entrevista deve seguir quatro critérios: o da especificidade, em que a entrevista deve evidenciar os elementos que causam impacto no(a) entrevistado(a); o critério do espectro, em que o guia da entrevista deve abranger os tópicos e aspectos mais importantes para a questão de pesquisa; os critérios da profundidade e do contexto social, significam que as respostas da pesquisa precisam ser mais do que simples avaliações, do tipo 'agradável' ou 'desagradável' - por isso o nível de profundidade deve ser analisado pelo pesquisador(a) de forma recorrente (FLICK, 2004).

Para Flick (2004), esse método de pesquisa permite que se estudem diferentes pontos de vista subjetivos, dentro de grupos sociais que costumam ser definidos previamente. As questões da pesquisa são direcionadas à verificação do impacto de eventos concretos ou de manipulação subjetiva.

Freitas *et al.* (1998) indica este tipo de pesquisa quando se busca gerar ideias para a investigação, gerar hipóteses considerando a percepção do(a)s entrevistado(a)s, avaliar diferentes situações ou populações de estudo, rascunhar entrevistas ou questionários, ou ainda gerar informações adicionais para um estudo em larga escala. A entrevista focal possibilita a riqueza de dados e a flexibilidade na coleta que não seriam obtidas em caso da aplicação de um instrumento individualmente, podendo ser utilizada como a principal fonte de dados ou complementarmente a outras técnicas.

Entre as limitações desse tipo de pesquisa pode-se destacar que há pouca preocupação com a maneira pela qual o material concreto é percebido e avaliado pelo(a) entrevistado(a) (há maior preocupação com as visões subjetivas); o fato de que esse método dificilmente é empregado em sua forma pura e completa (FLICK, 2004); o(a) pesquisador(a) tem menor controle sobre os dados que serão gerados; e, a análise dos dados se torna mais difícil (FREITAS *et al.*, 1998).

- **Entrevista semipadronizada**

A entrevista semipadronizada é realizada considerando que o(a) entrevistado(a) tem um grau de conhecimento específico sobre o assunto pesquisado, o que permite que ele(a) possa se expressar mais facilmente se houver uma boa interação com o(a) pesquisador(a). Esse método tem em vista a reconstrução de teorias subjetivas e consiste basicamente em duas ocasiões: inicialmente são abordados os tópicos da pesquisa por meio dos questionamentos, e posteriormente é aplicada a Técnica de Disposição da Estrutura (TDE) (FLICK, 2004).

Flick (2004) define três tipos de questionamentos empregados: questões abertas, que o(a) entrevistado(a) pode responder com o conhecimento que possui do assunto; questões controladas pela teoria e direcionadas para a prática, que se baseiam na literatura científica e tem o objetivo de explicitar o conhecimento do(a) entrevistado(a) sobre o tópico; e as questões confrontativas, as quais confrontam as teorias e relações que foram apresentadas pelo(a) entrevistado(a) até o momento.

Há um intervalo de tempo entre o primeiro encontro, em que se realizam os questionamentos, e o segundo encontro. A segunda ocasião é composta por dois momentos: no primeiro, é apresentada (a) o entrevistado(a) uma estrutura que reúne os enunciados apresentados por ele(a), para que seja feita uma avaliação dos conteúdos e se incluam os conceitos restantes, reformulando caso o(a) entrevistado(a) acredite ser necessário; no segundo momento, são aplicadas as Técnicas de Disposição da Estrutura. Essa técnica extrai os enunciados das entrevistas anteriores deste(a) entrevistado(a) e os transforma em um estrutura

para validação, representando graficamente sua teoria subjetiva e permitindo (a)o entrevistado(a) refletir sobre as suas opiniões (FLICK, 2004).

O uso de TDE busca facilitar a interpretação do conhecimento registrado na entrevista. No entanto, a aplicação da entrevista semipadronizada tem como principal problema a possível dificuldade do(a) entrevistador(a) em esclarecer os procedimentos para o(a) entrevistado(a) e lidar com as possíveis irritações que possam surgir das questões confrontativas. Como são apresentados pontos de vista alternativos, é importante deixar claro que não se trata de um teste de desempenho. A adaptação do método e das questões de pesquisa, assim como a interpretação dos dados coletados podem ser consideradas limitações do método (FLICK, 2004).

- ***Entrevista centralizada no problema***

A entrevista centralizada no problema é um tipo de coleta de dados biográficos relacionados a um determinado problema, com o auxílio de ferramentas e estratégias adequadas. Esse método é caracterizado pelo foco no problema, que seja socialmente relevante, pelo uso de métodos que sejam direcionados ao objeto, e pela orientação do processo, na busca de compreender o objeto da pesquisa (FLICK, 2004).

O método tem interesse nos pontos de vista subjetivos e as questões de pesquisa se voltam para o conhecimento dos fatos ou processos de socialização, o que leva à utilização de um guia com questões e estímulos narrativos. Para integrar as diferentes abordagens, são incluídas nesse método as discussões em grupo e o método biográfico. Porém, esses são citados como elementos parciais da entrevista, gerando uma limitação do método, pois a discussão em grupo pode ser uma etapa adicional, mas não faz parte da entrevista. Outra limitação é a sugestão de foco no problema, visto que essa não é uma grande distinção de outros métodos que também focam em problemas especiais (FLICK, 2004).

- ***Entrevista com especialistas***

A entrevista com especialistas é uma forma específica de aplicar entrevistas semiestruturadas e tem mais interesse na especialidade em certo campo de estudo ou atividade do que no(a) entrevistado(a) ou o cargo assumido por ele(a) (MEUSER; NAGEL, 2002; FLICK, 2004). As informações relevantes que podem ser fornecidas pelo(a) entrevistado(a) são muito mais restritas, o que faz com que o guia da entrevista seja restrito e exclua tópicos não produtivos. O sucesso da entrevista depende fundamentalmente da capacidade do(a) entrevistador(a) em restringir ou não a entrevista (FLICK, 2004).

De acordo com Meuser e Nagel (2002), o(a)s especialistas podem ser definidos como aquele(a)s que sejam responsáveis pela concepção, implementação ou coordenação de um programa; e que possuam acesso restrito à informações de alguns grupos, conselhos ou processos de decisão. Os autores sugerem que, por vezes, ocupantes de cargos intermediários nas instituições de interesse sejam capazes de fornecer informações mais detalhadas sobre a estrutura e seus acontecimentos.

Normalmente direcionado a pesquisas em educação, relativas à avaliação de políticas públicas (MEUSER; NAGEL, 2002), o fato dessa entrevista ser aplicada com um guia de questões pré-definidas pode se tornar um problema, pois o direcionamento da entrevista deve ocorrer com maior intensidade, dado o interesse em conhecimentos específicos. Também destaca-se o fato de que o(a) entrevistador(a) deve deixar claro que também possui conhecimento dos temas abordados (FLICK, 2004).

- ***Entrevista etnográfica***

O que para Spradley (1979) é a pesquisa etnográfica, Triviños (1987) chama de entrevista semi-estruturada. Flick (2004), explica que para a condução dessas entrevistas é melhor pensar nelas como conversas cordiais nas quais se introduzem pouco a pouco novos elementos para que o(a)s pesquisado(a)s possam responder de forma cooperativa sem sentirem que estão em um interrogatório. O tempo e o local dessa entrevista têm definição menos nítida,

pois ela costuma ocorrer de forma espontânea após contatos de campo feitos regularmente. Neste tempo, o(a) pesquisador(a) poderá conhecer as pessoas e selecionar os seus informantes (TRIVIÑOS, 1987).

Os elementos que distinguem a entrevista etnográfica das conversas realmente cordiais são: uma solicitação específica para que a entrevista seja conduzida de forma mais suave; a explicitação de que há um projeto, a explicação deste e das questões que serão introduzidas, assim como da forma de falar; e a presença de questões etnográficas (descritivas, estruturais e contrastantes).

Esse método de pesquisa possui estrutura mais aberta, permitindo também a aplicação da entrevista em outros contextos. Porém, é comumente empregado de forma conjunta à pesquisa de campo e às estratégias observacionais (FLICK, 2004).

Como uma das características da entrevista semiestruturada é aplicação de questões mais ou menos abertas, que suscitam a resposta livre do(a) s entrevistado(a)s, em alguns momentos podem surgir alguns problemas na entrevista: de mediação entre a guia da entrevista e o propósito da questão abordada, ou seguindo um estilo de apresentação diferente do esperado. O(A) entrevistador(a) tem certa autonomia na condução da entrevista em termos da análise na sequência de perguntas a ser aplicada, o que leva à denominação da conduta pelo termo 'entrevista parcialmente padronizada', e precisa agir com certa sensibilidade durante o progresso desta, conforme as escolhas forem sendo feitas (FLICK, 2004).

É necessária uma mediação permanente, tomando cuidado para que não seja utilizado elevado grau de rigidez, pois isso pode reprimir o(a) entrevistado(a) e dificultar maiores aprofundamentos nas questões da pesquisa. Por esse motivo, é necessário que haja um treinamento para a realização da pesquisa, que seja gravado e posteriormente acompanhado e avaliado pelo(a)s entrevistadore(a)s que farão parte do estudo (se for o caso) ponderando: os erros na entrevista, a forma como o guia de entrevista é usado, a introdução e transição dos tópicos, e o comportamento não-verbal do(a) entrevistador(a). Essa avaliação permite identificar os problemas técnicos e melhorar o aproveitamento da pesquisa (FLICK, 2004).

## *ii) Entrevista narrativa*

A entrevista narrativa é aplicada principalmente no contexto da pesquisa bibliográfica. A coleta de dados com esse método é feita pela narrativa relatada pelo(a) entrevistado(a). Para Flick (2009), a entrevista deve ser iniciada por uma questão que gere a narrativa, formulada com clareza, e tenha relevância para o tópico investigado, na qual o assunto pode ser detalhado. E termina com uma fase de equilíbrio, em que podem ser formuladas novas perguntas no sentido de descrever e argumentar trechos que não tenham ficado claros na narrativa inicial (FLICK, 2004).

O principal critério para validação das informações, segundo Flick (2004), é de que a apresentação delas seja essencialmente a narrativa do curso de determinado evento. Esse método de entrevista fornece dados que outros tipos de entrevistas não permitem, pois a narrativa é feita com alguma independência. O conhecimento das pessoas sobre suas vidas fica mais disponível no formato narrativo e esta forma é mais aproximada da experiência real vivida.

Edmonds (2017), argumenta que a abordagem narrativa é mais utilizada nos estudos de psicologia e psiquiatria, pois estes buscam compreender a multiplicidade com a qual os seres humanos experienciam o mundo, e nada melhor para isso que explorar as histórias vividas por eles.

A entrevista narrativa pode ter problemas se forem violadas as expectativas dos papéis do(a)s participantes, porque não são feitas perguntas usuais e esse espaço para narrativa não é oferecido cotidianamente. A violação das expectativas pode causar frustração em ambas as partes. Adicionalmente, a aplicação do método pode enfrentar dificuldades se precisar ser aplicado a culturas estrangeiras, podendo ser desfavorável. Ressalta-se novamente a importância do treinamento, para que o(a) entrevistador(a) esteja preparado(a) para ouvir e conduzir a entrevista, cujo sucesso depende de clareza sobre sua natureza específica (FLICK, 2004).

### *iii) Entrevista episódica*

A entrevista episódica parte da consideração de que as experiências do(a)s entrevistado(a)s estejam armazenadas e sejam relatadas de forma organizada e próxima da realidade. O interesse é em momentos específicos da vida do(a) entrevistado(a) (FLICK, 2009), ao qual é “insistentemente solicitado a repetir a apresentação de narrativas de situações ou série de situações.” (MOURA; ROCHA, 2017, p.. 168).

Flick (2004) relata que o principal elemento desse método é o convite para a narrativa das situações ou conjunto de situações, que segue um guia de orientação para o(a) pesquisador(a) atender aos tópicos da investigação. Outro elemento importante são os incentivos narrativos, feitos por questões complementares, em que pretende-se a junção da narrativa com a resposta, vinculando às apresentações na forma narrativa as respostas em sentido exato (obtidas por meio de questões concretas).

O problema geral do método narrativo é que as pessoas nem sempre têm facilidade em narrar. Vêm à tona novamente a importância do treinamento e da mediação por parte do(a) pesquisador(a), de forma a direcionar a narrativa para os fatos que são relevantes e mencionados, porém não são contados pelo(a)s entrevistado(a)s - estimulando assim, investigações mais aprofundadas. A entrevista fica limitada pela narração do cotidiano e da própria história do(a)s entrevistado(a)s.

As entrevistas narrativas são uma forma alternativa para a coleta de dados dos mundos individuais, que permitem (a)o pesquisador(a) acessar as experiências de forma mais abrangente (FLICK, 2004).

## 4. ANÁLISE DE DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Harold Lasswell, em 1927, iniciou a análise de conteúdo, mas as definições foram surgindo a partir da década de 1950, quando passou a se desenvolver fortemente essa técnica (BARDIN, 2011). A primeira definição, ainda limitada, da análise de conteúdo é fornecida por Berelson (1954, p. 489), como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

Várias outras definições foram surgindo com o decorrer do aperfeiçoamento da técnica, que conforme resumido por Richardson (1999, p. 223), é visto como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada dia mais aperfeiçoados que se aplicam a discursos diversos”. Bardin (2011), reforça ainda que a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Essas técnicas possuem diferentes formas e podem ser adaptadas a um campo muito vasto - as comunicações. Este método não é comum nos estudos econômicos (para uma exceção, ver Oleinik (2022)).

Todo tipo de comunicação que seja representada pela troca de significados entre um(a) emissor(a) e um(a) receptor(a) pode ser objeto da análise de conteúdo, isto é, tudo aquilo que é expresso oralmente ou por escrito. Assim, as entrevistas e as questões abertas apresentadas na seção anterior são importantes fontes de dados, além de notas de pesquisa de campo ou conversas. Para Chizzotti (2006, p. 114), a análise de conteúdo busca “relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou ideias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor”.

Os objetivos da análise de conteúdo podem ser definidos com base nas perguntas clássicas: “Quem diz? O quê? Para quem? Como? E com que efeito?”. Portanto, busca-se realizar a análise das características da mensagem sem considerar as intenções do(a) emissor(a) ou os impactos no(a) receptor(a), garantindo uma imparcialidade objetiva, de acordo com Chizzotti (2006). E as comparações entre essas mensagens podem ser feitas através do tempo, pro-

venientes de uma mesma fonte; com mensagens elaboradas por duas ou mais fontes; ou ainda por mensagens com categorias exógenas. Podem ser analisadas ainda as causas e antecedentes de uma mensagem, em busca de conhecer as suas condições de produção, e essas comparações devem ser feitas, direta ou indiretamente, independente das fontes do conteúdo. E há ainda a análise dos efeitos da comunicação para que seja determinada a influência social da mensagem, por meio da qual o impacto é encontrado através da comparação, do comportamento subsequente ou de outros comportamentos do receptor (RICHARDSON, 1999).

Com o surgimento da escrita, foi possível o registro dos fenômenos sociais em vários tipos de documentos e essas informações poderiam ser perpetuadas sem que se perdesse nada pelo caminho. A sociedade passou a registrar inúmeras informações que serviriam de base estatística, com uma grande diversidade de documentos que se tornaram fontes para a pesquisa social (base da observação documental). Richardson (1999) explica que, portanto, a análise de conteúdo pode ser aplicada no campo linguístico (escrito e oral), no campo iconográfico (sinais) ou a outros códigos semióticos (elemento não linguístico que possa ter algum significado) - de comunicação de uma ou duas pessoas, um grupo restrito ou um grupo de massas.

Há dois tipos de análise de conteúdo: conceitual (existência e frequência de conceitos explícitos e implícitos) e relacional (relações entre conceitos selecionados). A análise de conteúdo segue algumas fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação (RICHARDSON, 1999; BARDIN, 2011).

### *i) Pré-análise*

Para Bardin (2011) essa fase é composta pela escolha do material, formulação de hipóteses e elaboração de indicadores que auxiliarão na interpretação dos resultados. Algumas atividades a serem realizadas nesta etapa são: (1) leitura superficial do material, quando é estabelecido um contato inicial e são obtidas as primeiras impressões e conceitos acerca dos fenômenos sociais; (2)

escolha dos documentos, conforme o objetivo de pesquisa; (3) formulação das hipóteses; (4) escolha dos índices e sua organização na forma de indicadores; (5) preparação do material (BARDIN, 2011).

Após realizada a escolha do material, devem ser seguidas as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, para que sejam selecionados os documentos a serem submetidos à análise (BARDIN, 2011). Pela exaustividade entende-se que devem ser levantados todos os materiais que podem ser analisados, sem deixar nada de fora, sob o risco de afetar o rigor científico da pesquisa. A representatividade determina que a amostra selecionada para análise seja um reflexo do conjunto total dos documentos. Os documentos escolhidos para compor a amostra devem obedecer critérios precisos, sem particularidades, ou seja, homogêneos. E por fim, a pertinência se refere à informação adequada que esses documentos devem fornecer para que os objetivos da pesquisa sejam atingidos (RICHARDSON, 1999).

### *ii) Exploração do material*

A análise, em si, é uma fase longa, que consiste na codificação, categorização e quantificação da informação (RICHARDSON, 1999). A contagem depende de se a abordagem se guia pela existência (unidade de registro contada uma única vez) ou frequência (contagem toda vez que a unidade aparece no texto).

### *iii) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação*

Após definido o problema de pesquisa, identificados os objetivos e escolhidos os documentos, o(a) pesquisador(a) passa para a fase em que se torna capaz de responder precisamente às perguntas do que analisar e o porquê (RICHARDSON, 1999; BARDIN, 2011).

A análise ou tratamento do material é a sua codificação ou redução seletiva (BARDIN, 2011). Richardson (1999, p. 233), define a codificação como “uma transformação - seguindo regras especificadas dos dados de um texto, procurando agrupá-los em unidades que permitam uma representação do con-

teúdo desse texto”. As regras são importantes para validar a abordagem, pois garantem consistência e coerência. A validade se exprime na completeza das categorias, na natureza conclusiva dos termos e na generalizabilidade. Além disso, a confiabilidade passa por estabilidade, reprodutibilidade e acurácia. A codificação pode ser feita manualmente (melhor para identificar erros de redação ou tipográficos, além de significados ambíguos e sinônimos) ou por programas de computador desenvolvidos para este propósito, como AQUAD 7, Cassandre, Digital Replay System, Iramuteq, KH Coder, KNIME, Transcriber AG e Textométrie (SCHLOSSER; FRASSON; CANTORANI, 2019).

A organização desse processo deve seguir três etapas fundamentais: é preciso determinar as unidades de conteúdo que serão consideradas (recortes), selecionar quais serão as regras de numeração e definir as categorias de análise, podendo ser mais flexível com a inclusão de novas categorias durante a codificação, ou mais rígido, seguindo estritamente o conjunto pré-definido.

De acordo com Chizzotti (2006), é possível compreender uma mensagem pela decomposição do seu conteúdo em fragmentos mais simples. Esses fragmentos são objetos da análise de conteúdo e são chamados unidades de registro e de contexto, que Richardson (1999) explica, serão a base da análise. As unidades de registro podem ser várias naturezas e dimensões, sendo diferenciadas em unidades com base gramatical e aquelas que não possuem base gramatical. As unidades de registro mais utilizadas são (RICHARDSON, 1999):

- **Palavras ou símbolos:** estas são as menores unidades na análise de conteúdo, e assim podem ser utilizadas todas as palavras de um texto ou apenas algumas (os símbolos). Esse tipo de análise busca determinar a riqueza vocabular e pode ser feita por meio de alguns coeficientes: o coeficiente de variedade vocabular, sob o qual se faz uma relação entre o número de palavras diferentes e o número total de palavras (quanto maior o coeficiente, maior a variedade do vocabulário); e o coeficiente de tipo gramatical, feito considerando as categorias gramaticais.
- **Frase ou oração:** análise que considera como base as frases ou orações e busca determinar o sistema de valores de um texto.

- Tema: trata-se do sujeito da oração, a partir do qual se podem fazer várias observações. Costumam ser utilizadas para análise de base temática as respostas a perguntas abertas de questionário, entrevistas ou reuniões. Busca-se, por meio desta análise, descobrir o sentido que o autor quer atribuir a determinada mensagem.
- Ator/Atriz: quando se tem no ator/na atriz ou sujeito principal a unidade de análise, a codificação é feita em relação às características ou atributos do ator/da atriz.
- Documento ou item: o documento é uma unidade de pesquisa muito ampla, útil quando se trabalha em conjunto com outras unidades.

A análise de conteúdo, segundo Richardson (1999), busca realizar um tratamento quantitativo sem deixar de lado o tratamento qualitativo, se utilizando de alguns procedimentos mais frequentes que se referem ao modo de contagem, como: quantificação da presença ou ausência de determinados elementos; quantificação da frequência de cada elemento, que objetiva saber a quantidade de vezes que cada elemento aparece no documento; quantificação da frequência ponderada, quando é de interesse do(a) pesquisador(a) apenas um ou alguns elementos; tabulação de frequência, quando o(a) pesquisador(a) que considerar apenas a análise de valores e não a intensidade dos elementos; e quanto a direção da afirmação, buscando verificar se valores ou atitudes são favoráveis, desfavoráveis ou neutras. Bardin (2011), acrescenta ainda os procedimentos: da ordem em que as unidades de registro aparecem; e a coocorrência, que se trata da presença concomitante de duas ou mais unidades de registro em uma unidade de contexto.

Após a análise dos documentos e identificação dos elementos, é necessário classificá-los. A classificação dos elementos é denominada categorização e segue alguns critérios, de acordo com Richardson (1999): semânticos, no qual ficam as categorias temáticas; sintáticos (verbos, adjetivos, advérbios, etc.); léxicos (ordenamento interno das orações); e expressivos (classificando os problemas de linguagem).

A categorização pode ser feita por meio de uma classificação prévia, considerando os fundamentos teóricos relacionados ao problema de estudo, ou por uma classificação dos elementos que é feita de forma progressiva (RICHARDSON, 1999). A categorização envolve a etapa de inventário, em que os elementos são isolados, e na sequência ocorre a classificação, na qual os elementos são organizados pelo que eles têm em comum (BARDIN, 2011).

Para garantir a qualidade e a consistência das categorias, elas devem apresentar: homogeneidade, sem que se confundam os critérios de classificação; exclusão, em que cada elemento não possa ser classificado em mais de uma categoria; pertinência, que se trata da categoria estar adaptada ao material e a teoria escolhida; objetividade e fidelidade, que significa que os critérios codificadores diferentes devem chegar ao mesmo resultado, o que é atingido por meio de categorias adequadas e bem definidas; e a produtividade, se o conjunto de categorias fornece resultados férteis (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo fornece informações (a)os pesquisadore(a)s para que este(a)s possam saber mais sobre os textos analisados. Essas informações podem ser centradas na mensagem ou no(a) emissor(a) ou receptor(a), formando estes dois polos de inferência. Qualquer análise de conteúdo passa pela análise da mensagem, que é o objeto e o ponto de partida desta. Quanto (a) o emissor(a) ou produtor(a) da mensagem, pode se tratar de um(a) indivíduo(a) ou de um grupo deste(a)s, a respeito do(a)s quais se considera a hipótese de que a mensagem o(a) represente. Quanto (a) o receptor(a) individual ou público receptor, estuda-se a mensagem no intuito de conhecer informações relativas a este (BARDIN, 2011).

## 5. CONCLUSÃO

Este capítulo apresentou uma abordagem introdutória e não exaustiva a alguns dos principais métodos qualitativos de pesquisa. A primeira seção apresentou problematizações a respeito do significado de uma pesquisa qualitativa, identificando suas vantagens frente a outras opções metodológicas. Um elemento fundamental nesta abordagem é o desenho de pesquisa e seus principais elementos, como a especificação do problema de pesquisa, as necessárias delimitações, a seleção e a escolha e aplicação do método a partir das técnicas de pesquisa disponíveis. A fundamentação teórica é um aspecto que não pode ser negligenciado na condução da pesquisa qualitativa. Neste sentido, alguns exemplos teóricos foram apresentados com o objetivo de exemplificação.

A segunda seção trata do estudo de caso, uma das principais formas de investigação no âmbito da pesquisa qualitativa. Foram abordadas suas fases e justificativas. A terceira seção expôs, de forma aprofundada, importantes instrumentos de obtenção de dados: os questionários e as entrevistas. No caso dos questionários, foram apresentadas sugestões para formulação de questões e as vantagens e desvantagens de cada tipo. Para a subseção tratando das entrevistas foram identificadas os principais tipos e estratégias, de forma abrangente, enfatizando as semiestruturadas. Por fim, a quarta seção tratou da análise de conteúdo, menos comum nos estudos econômicos e que deve ser considerada sempre como um aspecto complementar e não central dentro das estratégias de investigação.

Assim, tem-se com este capítulo uma introdução à pesquisa qualitativa que é ao mesmo tempo abrangente e detalhada, fornecendo ao(a)s pesquisadore(a)s uma referência aos procedimentos metodológicos a serem empregados em suas investigações.

# REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. B. Economia criativa e desenvolvimento: uma análise a partir dos fatores estruturantes de políticas públicas municipais em Porto Alegre (RS), São José Dos Campos (SP) e Ananindeua (PA). Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 140, 2018.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7 Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUD, S.; WEBER, F. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 155-170, 2007.

BERELSON, B. Content analysis in communication research. Glencoe: The Free Press, 1954.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2014. p.295-316

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: Vozes, 2006.

CRESWELL, J. W. 30 essential skills for the qualitative researcher. Los Angeles: SAGE Publications, 2016.

EDMONDS, W. A.; KENNEDY, T. D. An applied guide to research designs: Quantitative, qualitative, and mixed methods. 2nd Edition. Los Angeles: SAGE Publications, 2017.

FLICK, U. Desenho da pesquisa qualitativa. 2 Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

- FLICK, U. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; JENKINS, M.; POPJOY, O. The Focus Group, a qualitative research method. *Journal of Education*, v. 1, n. 1, p. 1-22, 1998.
- GARCIA, S. R. Vida sociopolítica em mercados culturais na cidade de Porto Alegre. *Sociedade e Estado* [online]. V. 34, n. 1 [Acessado 16 Fevereiro 2022] , pp. 23-47, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201934010002> .
- GERRING, J. *Case Study Research: Principles and Practices*. 2nd Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1989.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- GRØNMO, S. *Social research methods: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. 2nd Edition. Los Angeles: SAGE Publications, 2019.
- HANCOCK, D.R.; ALGOZZINE, B. *Doing Case Study Research: A Practical Guide for Beginning Researchers*. Nova York: Teachers College Press/Columbia University, 2006.
- LASWELL, H. *Propaganda technique in the World War*. New York: Knopf, 1927.
- MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. *Designing qualitative research*. 6th Edition. Los Angeles: SAGE Publications, 2016.
- MACIEL, M. A.; CONSTANTE, S. L. F. *Observatório Cultural: cartografando a Lei Aldir Blanc no território gaúcho*. Curitiba: CRV, 2021.

MEUSER, M.; NAGEL, U. ExpertInneninterviews - vielfach erprobt, wenig bedacht. In: BOGNER, A.; LITTIG, B.; MENZ, W. (Eds.) Das Expert Interview. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-322-93270-9\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-322-93270-9_3).

MOURA, F. A.; ROCHA, L. L. F. Memória e história: entrevista como procedimento de pesquisa em Comunicação. Revista Comunicação Midiática, v. 12, n. 2, p. 161-176, 2017.

NUNES, G. C.; NASCIMENTO, M. C. D.; ALENCAR, M. A. C. Pesquisa científica: conceitos básicos. Id on Line Revista de Psicologia, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

OLEINIK, A. Content Analysis as a Method for Heterodox Economics. Journal of Economic Issues, Volume 56, Number 1, pp. 259-280, 2022.

PIRES, Á. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos, v. 2, 2008.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos, v. 2, 2008.

RICHARDSON, R. J., *et al.* Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHLOSSER, D. F.; FRASSON, A. C.; CANTORANI, J. R. H. Softwares livres para análise de dados qualitativos. Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Tecnologia, v. 12, n. 1, p. 539-550, 2019.

SPRADLEY, J. The ethnographic interview. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich College, 1979.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). Handbook of qualitative research. Los Angeles: SAGE Publications, pg. 236-247, 1994.

TRACY, S. J. Qualitative research methods: Collecting evidence, crafting analysis, communicating impact. 2nd Edition. Hoboken: John Wiley & Sons, 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

YIN, R. K. Case Study Research and Applications: Design and Methods, 6th ed. Los Angeles: Cosmos/SAGE Publications, 2018.